

“QUANDO O CANTO É REZA”, CURA, LUTA E RESISTÊNCIA AFRO-BRASILEIRA

Gean Paulo Gonçalves Santana¹
Júlia Izadora Gonçalves Nascimento²
Mônica Ferreira Alves³

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as manifestações do sagrado nas composições poéticas das comunidades quilombolas do Extremo Sul da Bahia, composições da Missa dos quilombos e nas de compositores negros baianos. Inventariar, descrever e analisar essa sacralidade poética que trazem expressões que lidam com a representação da herança africana e afro-brasileira constituem-se objetivos norteadores. Os estudos e as análises aportam nos conceitos de tradição, ancestralidade, memória, afrografias, musicalidades e religiosidades afro brasileiras, dentre outros de importante envergadura para a temática. Acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para a valorização e preservação do patrimônio cultural e religioso afro-brasileiro.

Palavras-chave: Canto-poema; Música afro-brasileira; Religiosidade.

INTRODUÇÃO

O título desse projeto de pesquisa se inspira no álbum que registra o encontro entre a cantora Roberta Sá e o Trio Madeira Brasil, em homenagem ao compositor baiano Roque Ferreira, lançado em 2010, pela Universal Music Group. O processo discursivo metodológico utiliza-se dos cantos-poemas que fazem parte do banco de dados da Tese *Vozes e versos quilombolas: uma poética identitária e de resistência em Helvécia* (2014), das composições da *Missa dos quilombos* (1982), de autoria de Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, e de compositores negros baianos, disponíveis em plataformas digitais, em que o canto é reza, dada a sacralidade presente nas letras pela arte da palavra. A pesquisa intenciona estabelecer um diálogo entre as composições, de modo a identificar marcas de resistência à colonialidade opressora, de preservação da vida e das crenças afro-brasileira.

¹ Prof. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus X, pós-doutorado em Estudos literários (UFMG) e Herança africana (ICC- Colômbia), email: gpsantana@uneb.br

² Graduanda em Ciências biológicas pela Universidade do Estado da Bahia, bolsista IC pela Fabesb, email:juliaizadora@hotmail.com

³ Graduanda em língua inglesa e literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, bolsista IC pela Fabesb, email: moonica@live.jp

Destaca-se nessa pesquisa o papel que as composições revelam, a partir da palavra viva, meticulosamente descrita por Amadou Hampate-Bâ (2010), as marcas ancestrais, a relação com o Orum e Aiyê, como um antídoto ao corpo-memória-espírito. O canto como instrumento sagrado-poético de lutas aciona memórias do tempo vivido e do cantado, ganha corpo, ritmo ao explicitar histórias ancestrais, proteção, demandas, amores, conflitos e trabalho lutas e resistência, por isso, curam o corpo-espírito. Contextualmente, os cantos ilustram o sentido da voz como antídoto às circunstâncias e situações da vida.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que intenciona conferir visibilidade à poética musical afro-brasileira.

Para a primeira etapa, inicialmente, será realizada uma revisão da literatura para operacionalização dos conceitos e variáveis para seleção da amostra: o processo da pesquisa; a elaboração dos instrumentos de coleta dos dados, com vistas a uma melhor explicitação do referencial epistemológico e os pressupostos metodológicos. A segunda etapa consiste: (i) em pesquisas no repositório digital, para compor o corpus de análise, coletas de documentos musicais de compositores(as) negros(as) baianos(as), cujas composições lidam com a religiosidade, com a representação da herança africana, afro-brasileira, suas identidades, e resistências como forma de cura do corpo e do espírito aos enfrentamentos socio histórico; (ii) coleta dos cantos-poemas da tese *Vozes e versos quilombolas: Uma poética identitária e de resistência* (2014), que constam do apêndice da tese, disponível no repositório da PUCRS, e do dvd, título homônimo da tese, disponível no acervo da Biblioteca da UNEB/Campus X; (iii) coleta das composições que fazem parte da “missa dos quilombos”. A terceira etapa pretende, elaborar categorias de análise para as composições que explicitam e tangenciam o sagrado reverenciado pelas religiões afro-brasileiras, estabelecendo um diálogo entre as diversas vozes que atuam na composição do tempo vivido e do tempo cantado que contribuem para preservação da vida e das crenças, dos processos culturais, religiosos e identitários afro-brasileiros. A quarta etapa consiste na retomada das categorias e a análise das composições, observando, especificamente, a construtividade e referencialidade do sagrado-poético como instrumento de lutas, memórias que ganham corpo, ritmo ao explicitar histórias ancestrais, proteção, demandas, amores, conflitos e trabalho lutas e resistência, e que, por isso, curam o

corpo e o espírito. Por fim, a produção de uma cartografia etno musical afro-baiana, a partir da poética quilombola do Extremo Sul da Bahia, resultante da pesquisa, a redação do relatório, artigo e divulgação dos resultados.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Uma primeira ressalva deve ser feita no que se refere a poética afro-brasileira, visto que intenciona essa pesquisa a compreensão da construtividade e referencialidade da poética sagrada, presentes nos cantos-poemas, nas letras de compositores negros. Para compreensão dos vários postulados conceituais, serão utilizadas reflexões sobre palavra, tradição viva e memória, segundo Hampâté Bâ (2010); a presença da voz e oralidade poética, em Paul Zumthor (2010); afrografias, oralituras da memória, encruzilhada, em Leda Martins (1997); aspecto da música brasileira e música de feitiçaria no Brasil, em Mário de Andrade (1963; 1965); música religiosa e cantos de trabalho, em Oneyda Alvarenga (1960); musicalidade e religiosidade afro brasileira, reflexões e afirmação de uma concepção de divindade, em Edison Carneiro (1978) e Marco Aurélio Luz (1995); e, no campo literário, Luiz Silva Cuti (2002), dentre outros de importante envergadura para a temática.

O termo canto-poema tem a sua gênese em pesquisas e análises realizadas sobre os textos do congado, que levaram a considerá-lo um corpus literário em virtude da importância atribuída à letra e à melodia e que apontam para uma resistência através da manutenção das memórias partilhadas e de uma identidade, construída ao longo das experiências, dos enfrentamentos identitários (PEREIRA, 2002, APUD SANTANA, 2014).

Esta pesquisa lança olhares sobre a encruzilhada, caminhos multiplicados que se entrecruzam na poética da oralidade e que propiciam um olhar sobre e sob o chão semântico em que se pisa o povo afro-brasileiro. A esse respeito, Leda Maria Martins (1997, p. 26), esclarece que “pela via das encruzilhadas [...] se tece a identidade afro-brasileira, [...], transformam-se e reatualizam-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridades negras”.

Apropriando do discurso de Leda Martins (1997), a música, nessa pesquisa conceituada de canto-poema, constitui formas afrografadas no tempo e no espaço, transformações do processo de transgressão da ordem escravista, “em modos de agregação comunitária e em novas expressões artísticas e culturais [...] força vital das

cerimônias [...], independentemente de sua origem étnica [...]”(MARTINS, 1997, p. 38-39).

A encruzilhada, locus tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radical de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada como um lugar terceiro, é geratriz de produção sígnica diversificada e, portanto, de sentidos (MARTINS, 1997, 28).

Sendo a pesquisa uma produção intelectual, outro argumento ganha notoriedade: a tarefa de trabalhar com a alteridade no contexto da representação da negritude, dos silenciamentos, das subalternidades (SPIVAK, 2010) e das identidades diaspóricas em expressões literárias. Dialogando com Arruti (2006, p.26), “não se trata mais, de partir das alteridades dadas, e sim, de investigar como a alteridade torna-se um dado, como ela é feita um fato, como ela é discursiva e praticamente construída por meio de linhas, cortes [...], diferenças e identidade”.

Ainda no contexto afro-diaspórico, a tradição é um elemento importante no campo das representações da negritude. De acordo com Hampatê-Bâ, “a tradição, pois, confere à Kuma, à Palavra, não só um poder criador, mas também, a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão, a fala, por excelência, é o agente ativo da magia africana” (2010, p. 173). Não por acaso, o cantos-poemas, “potencialidades do poder, do querer e do saber” (HAMPATÊ-BÂ, 2010, p. 172), vivificadas pela palavra divina, exteriorizam vibrações dessas forças, de modo a envolver o ser na totalidade. Hampatê-Bâ (2010), citando o fulfulde, uma língua do ramo senegambiano das línguas nigero-congolesas, falada principalmente na África Ocidental pela etnia fulani, diz que a palavra que significa fala (haala), cuja raiz verbal é hal, significa “dar força”. Segundo o autor, “se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (yaa-warta, em fulfulde), que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação.

O percurso discursivo ao apropriar-se das memórias do tempo vivido e do tempo cantado envolto da sacralidade, também o faz em relação as problemáticas levantadas acerca da discussão identitária. A cadeia de palavras cantadas nas composições afro-brasileiras, como novos elos, continua a enriquecer as palavras

daqueles que os precederam. Hampatê Bâ (2010, p. 181) nos esclarece que, “em todos os ramos do conhecimento tradicional, a cadeia de transmissão se reveste de uma importância primordial”. Continua o autor:

Não existindo transmissão regular, não existe magia, mas somente conversa ou histórias. A fala é, então, inoperante. A palavra transmitida pela cadeia deve veicular, depois da transmissão original, uma força que a torne operante e sacramental (HAMPATÊ-BÂ, 2010, p. 181).

O processo histórico negro-africano se constitui pela transmissão do conjunto de princípios e valores, os quais estruturaram a composição de identidades e relações sociais (LUZ, 2013). A resistência deflagrada pelo povo negro demarca a não interrupção dos seus princípios regentes e desencadeia a incorporação de novas personificações sociais: o afro-brasileiro. Desta feita, os valores africanos, incólumes na memória coletiva dos negros que se reuniram no Brasil, deram “continuidade transatlântica aos princípios e valores transcendentais” (LUZ, 2013, p.29), e, assim, do canto se fez reza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de pesquisa contribuirá para a valorização e preservação do patrimônio religioso e memória cultural registrados em composições afro-brasileiras que, como instrumentos poéticos, explicitam histórias ancestrais, proteção, demandas, louvores, conflitos, amores e trabalhos. Este estudo sistemático acerca das composições sacropoéticas almeja reconhecimento a partir de uma singularidade constituída no tempo e que delineia de forma diferente o ser e o agir, por meio de manifestações musicais-religiosas, e dará visibilidade as formas de resistência e manutenção de uma identidade construída ao longo dos enfrentamentos identitários ou dos jogos de poder, por vezes explícitos e muitas vezes velados, de modo a revelar que a poética musical afro-baiana imprimiu no tempo e no espaço marcas de luta e resistência ao longo do processo dito civilizatório europeu.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Porto Alegre : Globo, 1960.

ANDRADE, Mário de. **Música de feitiçaria no Brasil**. São Paulo : Martins, 1963.

_____. **Aspectos da música brasileira**. São Paulo : Martins, 1965.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: Antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: EDUSC, 2006.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. 6ª Ed. Civilização Brasileira, 1978.

CUTI, Luiz Silva. In: **Cadernos Negros 25**: Poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2002.

HAMPATE BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). **História geral da África: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá**: Dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador: Edufba, 1995.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: O Reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

NASCIMENTO, Milton; CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro. **Missa dos Quilombos** - disco gravado na Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, MG, 1982.

SANTANA, Gean Paulo Gonçalves. **Vozes e versos quilombolas**: Uma poética identitária e resistência em Helvécia. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS/2014.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010